

Implicações Metafísicas e Pós-Metafísicas para o Conceito de Morte na Experiência Religiosa

Metaphysical and Post-Metaphysical Implications for the Concept of Death in Religious Experience

Wagner Ferreira Vaz¹

Resumo: Este estudo foi realizado a partir de uma busca bibliográfica para um melhor entendimento em relação a uma situação comum a todos, a morte. Não é possível fugir dessa realidade, portanto, essa pesquisa nos levará a entender esse fenômeno como uma etapa importante e completa da vida. O Objetivo é tornar este tema menos agressivo e evitado com a pretensão de uma maior familiarização com o mesmo e um entendimento mais próximo e completo. Não me atrevo afirmar que todas as formas de lidar com o tema foram aqui descritas, mas, segundo Heidegger é possível aceitar de forma mais amena, sem as revoltas comuns do momento. O nascimento pode significar o resultado de um amor verdadeiro e a morte pode ser vista como a passagem desse amor para outra dimensão. Nesta perspectiva não há uma separação da vida e da morte, existe apenas uma mudança para uma dimensão ainda desconhecida. A problematização deste estudo será responder a pergunta: Como a morte pode ser a totalidade da vida na experiência religiosa? Heidegger tem a convicção de que o ser humano reconhecendo a morte como parte da realidade autêntica e fim da

Artigo recebido em: 20 out. 2017

Aprovado em: 18 dez. 2017

¹- Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida. Msc em Ciência da Educação pela Universidad San Lorenzo – UNISAL - PY. Especialista em Didática, Formação Docente e Metodologias de Ensino. Pós-graduação em Filosofia Clínica e Metodologia do Ensino da Filosofia e Sociologia para o Ensino Médio. Licenciatura Plena em Filosofia. Bacharel em Teologia. cursando o 6º Período em História pela Universidade Estácio de Sá. Professor da Rede Pública do Estado de Minas Gerais. Pároco da Paróquia São Sebastião – Carlos Chagas – Diocese de Teófilo Otoni. wagnerfilos15vaz@gmail.com

existência conseguirá alcançar a liberdade de seu ser mediante a angústia de vivenciá-la. Para ajudar a responder as implicações metafísicas e pós-metafísicas sobre o conceito de morte na experiência religiosa, buscou-se ajuda na filosofia da linguagem para significar os termos verdade, morte e religião.

Palavras-chave: Religião, Existência, Filosofia, Morte.

Resumen: Este estudio fue realizado a partir de una búsqueda bibliográfica para un mejor entendimiento en relación a una situación común a todos, a la muerte. No es posible huir de esa realidad, por lo tanto, esa investigación nos llevará a entender ese fenómeno como una etapa importante y completa de la vida. El objetivo es hacer este tema menos agresivo y evitado con la pretensión de una mayor familiarización con el mismo y un entendimiento más cercano y completo. No me atrevo afirmar que todas las formas de lidiar con el tema se han descrito aquí, pero según Heidegger es posible aceptar de forma más amena, sin las revueltas comunes del momento. El nacimiento puede significar el resultado de un amor verdadero y la muerte puede ser vista como el paso de ese amor a otra dimensión. En esta perspectiva no hay una separación de la vida y de la muerte, sólo existe un cambio hacia una dimensión aún desconocida. La problematización de este estudio será responder a la pregunta: ¿Cómo la muerte puede ser la totalidad de la vida en la experiencia religiosa? Heidegger tiene la convicción de que el ser humano reconociendo la muerte como parte de la realidad auténtica y el fin de la existencia logrará alcanzar la libertad de su ser mediante la angustia de vivirla. Para ayudar a responder a las implicaciones metafísicas y post-metafísicas sobre el concepto de muerte en la experiencia religiosa, se buscó ayuda en la filosofía del lenguaje para significar los términos verdad, muerte y religión.

Palabras clave: Religión, Existencia, Filosofía, Muerte.

1. Implicações metafísicas e pós-metafísicas para o conceito de morte na experiência religiosa

A filosofia se propõe como tarefa do pensar a busca do sentido (se é que existe) dos acontecimentos entre os quais vivemos - vida e morte. Este é, com efeito, um problema em que todos os homens se acham mais ou menos conscientemente envolvidos pelos próprios acontecimentos da vida. Mas, toda filosofia autêntica escolhe um caminho próprio para chegar à solução do problema ou então para negar a possibilidade de qualquer solução. E é a escolha desse caminho que determina a concepção do mundo que a filosofia leva a formular bem como as consequências práticas que daí advêm para a conduta do homem. O filósofo pode limitar-se a interrogar de preferência o céu ou a terra, a matéria ou espírito, a natureza ou a história, a vida ou a morte. Nessa interrogação busca aprofundar o

conceito de morte que o ser humano enfrenta dia a após dia. Sempre paira a ideia de que o corpo desce ao túmulo enquanto a alma² entra em outra face de existência, no imaterial do inconsciente da vida. A morte, portanto, vem a ser, assim, tão só, o despir-se a pessoa espiritual de seu envoltório cárneo, que não mais lhe serve para visivelmente apresentar-se neste mundo.

Para refletir as implicações metafísicas e pós-metafísicas do conceito de morte na experiência religiosa é preciso perceber o que Heidegger desenvolveu na sua reflexão. Sendo nós os únicos entes com a consciência de nossa própria existência, devemos começar uma investigação sobre o ser a partir de nós mesmos, ou seja, perguntando-nos o que significa existir. Nietzsche afirma que a verdade depende da ótica em que estamos e a religião uma perda de tempo³, e Heidegger afirma no seu livro “Ser e Tempo” que a existência que dá significado à essência. Por isso, a essência do ser jaz em sua existência e a tarefa primordial da filosofia é determinar a essência de “estar-no-mundo” do ser humano. Por conseguinte, o seu humanismo existencialista se propõe a identificar o “estar-no-mundo” como o “estar-no-tempo”, que é o mesmo que afirmar que o homem é um “ser-para-a-morte”. Existir, em todo a sua plenitude, é na inautenticidade que o homem perde a si mesmo e é levado a preocupar-se com a realidade da morte, o que lhe traz angústia e ansiedade. É na experiência do nada que o homem se coloca diante da totalidade de sua existência. Existir é, então, um ato voluntário de nulificação do ser, de onde se origina o conceito de angústia que faz com que o homem comum e inautêntico, venha a se preocupar com a morte e a temê-la, mas ao mesmo tempo leva o homem autêntico a aceitar esta condição que é própria de seu destino. Portanto, o homem é um ser para a morte e essa morte-verdade é metafísica.

Na ontologia platônica, a alma ocupa um lugar intermediário entre o mundo material e o mundo imaterial. O mundo é corruptível, finito, inconsistente. O que é imaterial é perfeito, incorruptível, não passível de entrar em contato com a matéria. Existem, portanto, seres inferiores e seres superiores à alma. Os seres inferiores a pervertem, a embriagam. Ora, seus seres inferiores e seres superiores têm esse poder à alma, um poder negativo, os outros seres, necessariamente, devem exercer uma influência positiva,

2- Para quem vem de correntes religiosas acreditam que o corpo descerá à sepultura ou cremado, mas a sua alma, espírito, essência da sua vida irá ao repouso eterno – seja o céu ou inferno. É isso que se ensina na fé do cristianismo.

3 - NIETZSCHE, Friedrich. Obras Incompletas – Crepúsculo dos Ídolos, n. 8. São Paulo: Nova Cultural, Vol. II, 1991.

benéfica. Se este mundo material é, segundo o próprio Sócrates, como uma prisão para a alma, o mundo do Hades⁴ representa um estado de completa e perfeita liberdade. Neste mundo, a alma não se encontra presa a nada. Pode, portanto, pensar as coisas com a mais absoluta liberdade. Mas se a morte não destrói as almas e elas conservam sua identidade, elas devem distinguir-se umas das outras. Assim, as almas dos filósofos mortos, é claro, serão só diferentes, mas superiores das almas dos mortos filósofos, e muito mais perfeitas dos mortos que em vida foram preguiçosos, curtos entendimentos, sem aspirações intelectuais nem espirituais. Assim, Por morte, entende-se o falecimento do ser vivo, qualquer que seja, sem referência específica ao ser humano. Epicuro entendia a morte da seguinte maneira: “*quando nós estamos, a morte não está: quando a morte está, nós estamos*”⁵. No mesmo sentido, Ludwig Wittgenstein, no seu *Tractatus Logico-Philosophicus*, afirma: “*a morte não é um acontecimento da vida: não se vive a morte*”⁶. E Sartre ressaltou a insignificância da morte afirmando: “*A morte é um fato puro, como o nascimento: chega-nos do exterior e transforma-nos em exterioridade. No fundo, não se distingue de modo algum do nascimento. E é a identidade entre nascimento e Morte que chamamos de facticidade*”⁷.

Entendida nesse sentido, a morte não concerne propriamente à existência. Ainda para Sartre a morte não é apenas o projeto que destrói a si mesmo. É o triunfo do ponto de vista de outrem sobre o

4- Os gregos derivavam a Palavra Ἅδης (Hades) de α e Ἰδης, encontraram nesta palavra a significação de invisível, explicando simplesmente que Hades, como rei dos outros mortos, mora com alma destes abaixo da terra, e é por isso invisível aos homens e aos outros deuses, mas Platão modifica a acepção: Hades é o “invisível verdadeiros”, isto é, a substância invariável, eterna e imperceptível aos sentimentos, mas captável pelo espírito, que depois da morte se aparta dos obstáculos da matéria (corpo) e vê diretamente o Hades, isto é o ser eterno.

5- DUROZOI, G. e ROUSSEL, A. *Dicionário de Filosofia*. Campinas SP: Papirus, 1996, p. 156.

6- DOUGLAS, Raphael. É a morte um evento da vida? Disponível em: <https://www.revistaamalgama.com.br/02/2010/morte-vida>. Acessado em 09/08/2017.

7 - SARTRE, P.J., *A Náusea*. São Paulo: Lisboa, 1955, p. 630.

ponto de vista de que eu sobre mim mesmo⁸. O mesmo Sartre acrescentou: “*a morte representa o sentido futuro do meu para-si atual para outro*”⁹. Em sua relação específica com a existência humana, a morte pode ser entendida com o início de um ciclo de vida, admitida com a imortalidade da alma. Platão chamava de “*separação entre alma e o corpo*” (Fed. 64 c.). Com esta separação, de fato, inicia-se o novo ciclo de vida da alma: seja ele entendido como “*reencarnação*” da alma em novo corpo, seja uma vida incorpórea. Plotino expressava essa concepção dizendo: “*se a vida e a alma existem depois da morte, a morte é um bem para a alma, porque esta exerce sua atividade sem o corpo. E, se com a morte a alma passa a fazer da Alma Universal, que mal pode haver para ela?*” (Enn., 1,7,3). Idêntico conceito de morte reaparece sempre que se considera a vida do homem sobre a terra como preparação ou aproximação de uma vida diferente, e quando se afirma a imortalidade impessoal da vida, como faz Shopenhauer, para ele a morte é comparável ao pôr do sol, que representa, ao mesmo tempo, o nascer do sol em outro lugar.

Antes de chegar a uma conclusão puramente pelo caminho do pensamento filosófico examinam-se como as religiões monoteístas¹⁰ tratam a temática da morte. Deparamos com ela no início das Escrituras como pena do pecado: “*Não pode comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, com certeza você morrerá*” (Gn 2,17). Deus criou a terra para que o homem usufrua dela e possua vida plena (árvore da vida). A condição única é o homem se subordinar a Deus: obedecer ao seu projeto de vida e fraternidade e não querer decidir por si mesmo o que é bem e o que é mal (comer o fruto da árvore do bem e do mal), a fim de não ser causa a espécie alguma de opressão e morte. Em Rm 5,12 encontramos a contraposição que o Apóstolo Paulo faz da morte a partir da desobediência de Adão: “*Assim como o pecado entrou no mundo através de um só homem e com o pecado veio à morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram*”. Adão é a personificação da humanidade mergulhada no reino do pecado e caminhando para a morte. Cristo, o novo Adão, é a personificação da humanidade introduzida no meio

8- SARTRE, P.J., *O Ser e o Nada*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000, p. 59.

9 - SARTRE, P.J., *A Náuseas*. São Paulo: Lisboa, 1955, p. 605.

10- Religiões monoteístas introduziram na consciência de seus fiéis que só há um Deus, único – por isso monoteísta. Pois, nas culturas primitivas havia uma cultura de vários deuses – politeístas. Judaísmo, Cristianismo e Islamismo professam um só Deus.

da graça e caminhando para a vida. Assim, o conceito bíblico de morte é ao mesmo tempo, conceito dela como conclusão do ciclo da vida humana perfeita em Adão e o conceito de limitação fundamental imposta à vida humana a partir do pecado de Adão¹¹. Para Tomás de Aquino “*a morte, a doença e qualquer defeito físico decorrem de um defeito na sujeição do corpo à alma. E assim como a rebelião do apetite carnal contra o espírito é a pena pelo pecado dos primeiros pais, também o são a morte e todos os outros defeitos físicos*”¹². Como possibilidade existencial, o conceito de morte não é um acontecimento particular, situável no início ou no término de um ciclo de vida do homem, mas uma possibilidade sempre presente na vida humana, capaz de determinar as características fundamentais desta vida. Por fim, a Morte, se quer chamar assim esta irrealidade, é a coisa mais temível. Não é a vida que recua da morte, pois pela morte humana, a vida se preserva da destruição, o que morre é a existência sensível – corpo – matéria, mas a vida sobpõe a morte e se mantém na morte mesma, pois, para quem crer, a vida continua no espírito, que se chama plenitude da vida - eternidade.

Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, Vaticano II, encontra-se o seguinte conceito de morte:

Diante da morte, o enigma da condição humana atinge seu ponto alto. O homem não se aflige somente com a dor e a progressiva dissolução do corpo, mas também, e muito mais, com o temor da destruição perpétua. Mas é por uma inspiração acertada do seu coração que afasta com horror e repele a ruína total e a morte definitiva de sua pessoa. A semente de eternidade que leva dentro de si, irredutível à só matéria, insurge-se contra a morte, todas as conquistas da técnica, ainda que utilíssimas, não conseguem acalmar a angústia do homem. Pois a longevidade, que a biologia lhe consegue, não satisfaz o desejo de viver sempre mais, que existe inelutavelmente em seu coração¹³.

¹¹ - BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990, Gn 2,17 e Rm 5,12.

¹²- AQUINO, T. *Suma Teológica*, II, 2, q. 164.a.1. Rio Grande do Sul: Grafourl, 1980.

¹³ - Vaticano II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998, nº 18.

A morte revela nossa radical humanidade. Somos húmus da terra, carregamos nossa vida como barro frágil que no afinal se decompõe. Às vezes tentam-se superar a morte com fórmulas mágicas, esotéricas, manipulação genética, faz da saúde cultivo religioso. O instinto ou a vontade de sobrevivência está em todo ser vivo. Mas a própria constituição do ser humano está voltada para a mortalidade da matéria, é natural, faz parte de nosso organismo vivo se curvar para a morte. O homem é mortal e não há na natureza um princípio de imortalidade. A ciência faz tudo para prolongar ao máximo esta possível curvatura inelutável da mortalidade. Visto que a morte humana não se reduz a um fenômeno biológico: é uma pessoa que morre, e isso atinge sua consciência, sua liberdade, sua vontade, ameaça à razão da pessoa, o seu sentido, e, sobretudo, suas relações, seu amor. A cada momento de nossa vida, por mais velhos que sejam a morte se aproxima através da gravidade e do desengano, e o que a pessoa sente nesta aproximação é que a morte está por separá-la das relações com os outros, está cortando as comunicações, está limitando a permanência da pessoa no meio de outras pessoas. O que apavora mesmo é saber que a cada momento a apuração da eleição, da escolha e do tempo se aproxima, sou “eu” agora o escolhido, de uma escolha que é exclusiva e que por isso me separa, me porta “além”¹⁴.

A morte ceifa a pessoa na sua plenitude e não simplesmente um ser biológico. A morte é em primeiro lugar, um fechamento, vivido como perda, castigo e derrota total. Portanto, morrer é excluir, é separar, é sair do convívio dos outros, é o último horizonte sobre a existência humana. Mas também, a morte humana é sempre um esvaziamento, humilhação, impotência, derrota decretada, apesar de toda luta. É um assalto, um total empobrecimento e desnudamento da pessoa enquanto pessoa. Se a riqueza e o sentido básico do homem é a vida, a morte é a falta e a queda absoluta, princípio do absoluto. Pensadores de nosso século se apoiaram no evento total da morte para demonstrar que, no vazio e no nada ela significa: está à liberdade, a decisão, a autenticidade em que cada um assume sua existência como própria e lhe dá o sentido conforme sua liberdade. A morte possibilita, então, a seriedade de nossa liberdade e de nossas decisões. Ela nos torna única e insubstituível. Finalmente, a morte é a consagração de nossa existência terrena, transformando nossa vida em obra. Nesse sentido seria o momento de nossa máxima manifestação, de nossa “glória”¹⁵.

14 - SUSIN, C.I., Assim na Terra como no Céu, Vozes, 1995, p.83

15 - Idem. 1995. p. 85

Com a filosofia moderna, a chamada filosofia da vida, especialmente com Dilthey, levou à consideração da Morte nesse sentido: “a revelação que caracteriza de modo mais profundo e geral o sentido de nosso ser é a relação entre vida e morte porque a limitação da nossa existência pela morte é decisiva para a compreensão e a avaliação da vida” (*Das Erlebnisund Dichturng*. 230). A ideia expressada por Dilthey é que a morte constitui uma limitação da existência, não enquanto término dela, mas enquanto condição que acompanha todos os seus momentos. Heidegger considerou a morte como possibilidade existencial: “A morte, como fim do ser-aí (*Desein*), é a sua possibilidade mais própria, incondicionada, certa e, como tal, indeterminada e insuperável”¹⁶. Este fim com que se designa a morte, não significa para a realidade humana, “estar no fim”, “ser-finito”, designa um ser para o fim, que é o ser deste existente. A morte é uma maneira de ser que a realidade humana assume desde que ela é. Desde que um ser humano chega à vida, ele já é velho o suficiente para morrer¹⁷. O ser manifesta-se primeiro como projeto, bosquejo do homem em seu modo de existência. Na inautenticidade (caracterizada como queda), o homem perde-se a si mesmo por se preocupar com as coisas mundanas. A experiência do nada abarca, pois, todas as prolongações de ser-aí ou *Dasein* e, com isso, situa o homem ante a totalidade de sua existência. Do ponto de vista da possibilidade, “a morte nada oferece a realizar ao homem e nada que possa ser como realidade atual. Ela é a possibilidade de impossibilidade de toda relação, de todo existir”¹⁸. A expressão usada por Heidegger ao definir a morte como possibilidade da impossibilidade pode com razão parecer contraditória. Todavia, já que toda possibilidade, como possibilidade, pode não ser, a morte é a nulidade possível de cada um e de todas as possibilidades existenciais.

Para Nietzsche tudo está no conceito e buscar a verdade da existência é o desafio do tempo presente. Assim, ele afirma que “as verdades são ilusões, das quais, nós esquecemos que o são”, pois para Nietzsche o que é decisivo não é mais a verdade da interpretação, mas o efeito, a implicação prática¹⁹. Nietzsche foi

16- HEIDEGGER. M. *Ser e o Tempo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997, p. 52.

17- _____. *Ser e o Tempo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997, p. 130-131.

18- _____. *Ser e o Tempo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997, p. 53.

19- NIEMEYER, Christian (org). *Léxico de Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2014, p. 557 - 559.

considerado um filósofo pós-moderno, dentro da modernidade, melhor, chamado desconstruista de conceitos, criticava a Metafísica por postular a existência da verdade e por considerá-la transcendente. Condenava ainda a postura de fuga da vida, adotada em nome da busca dessa suposta verdade num além-mundo. E assim afirmou Nietzsche,

Eu sou o primeiro a ter em mãos o metro para “verdade”, o primeiro a poder decidir. Como se em mim houvesse brotado uma segunda consciência, como se em mim “à vontade” houvesse acendido uma luz sob o declive pelo qual até então seguia... Declive – chamavam-no o “caminho à verdade”... Acabou-se todo o “impulso obscuro”, o homem bom precisamente era o que menos consciência tinha do caminho reto. E, em toda a seriedade, ninguém antes de mim conhecia o caminho reto, o caminho para cima: apenas a partir de mim há novamente esperanças, tarefas, caminhos a traçar para a cultura – eu sou o seu alegre mensageiro... Exatamente por isso sou também um destino²⁰.

“Ter em mãos o metro para verdade” é assumir o risco do pensamento diante dos outros conceitos produzidos ao longo da história. Porém, Nietzsche desfigura aquele conceito pleno, absoluto de morte, para uma verdade humana, presente e atuante entre os humanos, verdade da concepção que cada um tem a sua, que todos vão morrer. Não cabe mais no mundo pós-metafísico verdades absolutas. Ainda no campo religioso se encontra com verdades dogmatizadas que não se abrem para a reflexão a não ser por imposição do pensamento. Porém, a religião chega a esse mundo com uma missão: *“a divindade, levando um humano ao seu mundo, desvenda-lhe a verdade e o ilumina com sua luz. Aqui está o significado da palavra ‘alétheia’, a verdade como manifestação ou iluminação”*²¹. No início do século XX a filosofia começa a propor uma reviravolta para o conceito de verdade e de morte. A religião tinha e ainda tem a pretensão de se afirmar com conceitos de verdades absolutas – dogmatizadas, que morrendo o espírito encontrará o seu criador. Mas o que é espírito, alma, para quem não crê na existência de um único Deus? A filosofia da linguagem

²⁰- MONTEIRO, ÁTILA B. “Crepúsculo dos ídolos à luz de *ecce homo*: breves considerações acerca da auto interpretação de Nietzsche”. Revista Eletrônica de Filosofia, vol. 1 n° 9, 1º semestre de 2016, p.33.

²¹- CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2010, p. 234.

significou essa verdade e vem afirmando que a produção de sentido só se pode ser trabalhada com os humanos, só o ser humano pode perguntar pelo seu sentido, pelo seu fim, só o ser humano pode significar o mundo. Os animais não significam o mundo, eles estão no mundo e o ser humano é o mundo. Assim, a metafísica antiga e a medieval buscavam o conhecimento do “ser enquanto ser”, ou nômemo, e os conceitos kantianos mostrou que não temos acesso a ele: conhecemos apenas fenômenos, moldados pelo sujeito transcendental, ou seja, pelas estruturas da razão, que são as formas da sensibilidade e as categorias do entendimento, só experimentaremos o que é a morte, morrendo e essa categoria é puramente metafísica, nunca teremos um conceito pleno da morte estando vivo, e os que morreram não poderão conceituar aos vivos o que é a morte. Assim, em vez de buscar o conhecimento do nômemo inatingível, Kant recomendava o estudo das possibilidades da própria faculdade de conhecer, ou seja, da estrutura da razão²².

Então Nietzsche vai afirmar que *“a verdade fala em mim. – Mas a minha verdade é terrível: pois até agora se chamou à mentira verdade. (...) Eu fui o primeiro a descobrir a verdade, ao sentir por primeiro a mentira como mentira”* (Monteiro, A. p. 33). Se olhar esse pensamento do ponto de vista metafísico fica muito difícil para acreditar na sua veracidade. Por que os metafísicos trazem consigo que a ideia que a palavra carrega é o conceito. E afirmar que a verdade está na pessoa torna bastante complicado. Por isso é tão difícil mudar o conceito de verdade, de morte, de religião, de Deus, são conceitos dogmatizados. Por mais que tenhamos pensadores nesta linha pós-metafísica, a humanidade terá dificuldade para distanciar esses conceitos de verdade e religião do seu pensamento. A filosofia da linguagem nos proporciona significar esses conceitos. Assim caminha a humanidade, cada um em sua fé, na sua verdade, no seu encontro religioso, esperando sua morte para tomar posse da felicidade eterna - céu. A filosofia vem proporcionando uma reflexão e uma mudança de paradigma. A história vai apresentando esses eixos e a humanidade sua contribuição no pensamento.

Consideração final

²²- Créditos ao professor Abdruschin Schaeffer Rocha, conteúdo ministrado em sala, Faculdade Unida, julho de 2017.

A morte é um estranho fim da solidão. Não sofre porque é solitário. O sofrimento produz solidão porque dobra e fecha de modo cada vez mais estrito e definitivo. Liga o eu consigo mesmo do sofrimento, que não é o nada ou o vazio ou ilusão: “*mas a realidade corporal, a própria e insubstituível, cada vez mais dura e incomunicável maternidade*”²³. É pelo sofrimento que a morte se anuncia e se aproxima. Faz o homem às vezes desejá-la, faz com que a família se conforme. Mas no sofrimento ainda não está o fim, pode ser um anúncio, uma premonição de que poderá ocorrer. Às vezes, o desconhecido (morrer) nos inibe diante da realidade. Mas não cabe ao sofrimento revelar o desconhecido, o inapreensível. Pois o sofrimento não é juiz do tempo futuro, não julga o advento da vida, mas faz o presente ir tombando e rompendo para o sofrimento (partida) deste para outro estágio de vida-morte. O sofrimento é derrotado, porque o sujeito controla o caminho para a morte. Não é qualquer sofrimento que leva o Homem ao destino final-morte. O sofrimento não é o torturador da consciência, ele não leva a esta covardia de vontade. Mas alerta para o sinal de que a morte já manda preparar o ambiente para sua posse. Mas enquanto não acontece, a morte não se mostra, não vem às claras no presente, mas projeta sua vitória para o futuro, onde o confronto com o sujeito é inevitável, e sem avisá-lo, é tirado como assalto do presente. Quer dizer, ninguém sabe o momento exato da sua morte.

Pensar que a morte é um acontecimento comum a todos, mas que conforme a vida que se vive, conforme o sentido e o valor atribuído ao ser e estar no mundo, adquire um significado diferente. Precipitação para uns, caos para outros. Fim definitivo para os que amam a matéria, pós-existência, para os espíritas; nada para os céticos; desenvolvimento de outro mundo para os idealistas; para alguns, fato sem importância, para outros, acontecimento digno de ser vivida com a mesma intensidade que deve ser vivida a vida, porque dela faz parte e com ela contribui aos planos divinos. Somos imersos na vida, caminhamos com ela, a possuímos, mas não nos permitimos compreendê-la como algo vivo remanescente do espírito daquele que é Arquiteto do Universo. Contudo, enquanto o homem for um ser de hábitos e atitudes indesejáveis, nascidos sob uma cultura que ensina o medo, a morte e ao que não é natural ao homem, ou por ele considerado anormal, pensar a própria morte, é

²³- BONI, A. L., *Finitude e Transcendência*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996, p. 407.

um exercício, segundo os surfistas, recomendável à pessoa para despertar nela a atenção às suas experiências presentes e que às vezes as religiões não ajudam seus fiéis evoluírem no conceito de morte, que é inerente a todos e que deveria ser aceito com naturalidade a partida do ente querido ao fim que foi criado, aos religiosos monoteístas o encontro com o criador – a eternidade.

Assim, Heidegger nos alerta que só há totalidade de vida plena, fazendo a experiência de morte. Morrer não seria o fim, mas o início do viver, pois, só assim, estaríamos livres, descomprometidos da matéria. O homem não precisa temer seu fim, mas temer seu início, porque a passagem por esta terra é simplesmente o início de uma vida que durará por toda a eternidade. O homem é feito para a morte. É a morte física que liberta o homem de suas mesquinhas. Desta forma, o viver para a morte, fala Heidegger, torna-se a única e concreta alternativa de desapego do homem e a sua existência meramente aparente ou inautêntica, ao mesmo tempo em que liberta do estigma que ele próprio estabeleceu, de viver condicionado ao mundo de projetos e medidas, atado, pés e mãos, aos fatos e circunstâncias, não essenciais. Assim, a morte é o centro da experiência do ser que aí está lançado para projetar-se, apresentar-se como possibilidade inevitável.

Por fim, a morte é além de todo horizonte, uma saída da opressão da totalidade, uma transcendência e uma libertação total. Mas, por outro lado, sua visitação indesvendável, seu silêncio e anonimato, sua estrutura de violação e seu poder de violência total, infundem horror, porque ameaça como o terrível abismo anônimo do simplesmente algo de não saber para onde vai. E estar diante do mar caótico de ser sem entes, sem sujeitos, sem hipóteses, em face de palavras, perigo de nova e mais opressora totalidade. Ficando assim, entre entregar-se para a morte por sua promessa de libertação e ser contra a morte por sua soberana e terrível ameaça. Este é o nosso eterno conflito diante da morte e vida. Queremos ao mesmo tempo morrer, mas também, queremos ser. Assim, a linguagem humana é elaborada, produz cultura e só o ser humano a produz. Quando a certeza se vai, perde o sentido da vida. Quando se passa pela crise do sentido, é como se perdesse o ar. Claro que ao criticar um sistema, cria-se outro. É preciso ter sentido para que a vida seja estruturada. Nietzsche vem quebrando os sentidos (demolindo) as verdades existentes da metafísica e tornando-o um pós-metafísico. Pós aqui está no sentido de está criticando o que veio antes. Entretanto, a filosofia da linguagem supera o conceito de metafísica e o próprio conceito de religião. Carnap afirma: *“não é possível, nenhuma metafísica que queira inferir da experiência o transcendente, isto é, aquilo que está além da experiência e também*

*a religião não tem fundamento teórico, portanto, a religião, como a metafísica, é apenas uma expressão medíocre do sentimento vital*²⁴. Sabe-se que o estudioso da religião aproxima-se do método fenomenológico para descrever suas experiências e ao fazer isso está escolhendo o período pós-metafísico. Por fenômeno na ciência da religião pode se dizer que é a maneira que se apresenta a partir de sua perspectiva. Essa ideia pós-metafísica na modernidade vai fazer surgir o sujeito na sua plena liberdade, com autonomia e exercendo sua racionalidade, pensando sua própria morte, esperando seu fim, mas não ficando parado, mesmo sabendo dessa possibilidade, o ser humano constrói sua caminhada, faz sua história, produz seu conhecimento. A certeza que já temos é que vamos morrer, o quando, deixamos para o futuro dizer. Com isso a pós-metafísica coloca de vez de lado a ideia fundacionista e afirma que tudo tem seu próprio lugar no pensamento. Heidegger foi um dos pensadores que mais evoluiu com o conceito de morte, dando a liberdade de vivenciá-la como passagem obrigatória para a vida plena. Assim a totalidade da vida é morrer.

Referências

- AQUINO, T. *Suma Teológica, II, 2, q. 164.a.1*. Rio Grande do Sul: Grafourl, 1980.
- BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral. São Paulo, Paulus, 1990.
- BONI, A. L., Finitude e Transcendência. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2010.
- DOUGLAS, Raphael. *É a morte um evento da vida?* Disponível em: <https://www.revistaamalgama.com.br/02/2010/morte-vida>. Acessado em 09/08/2017.
- DUROZOI, G. e ROUSSEL, A. *Dicionário de Filosofia*. Campinas SP: Papyrus, 1996.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo – II*. Petrópolis- RJ: Vozes, 1997.
- MONDIN, Batista. *Curso de Filosofia 3*. São Paulo: Paulinas, 1987.

²⁴ - MONDIN, Batista. *Curso de Filosofia 3*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 212.

MONTEIRO, ÁTILA B. “Crepúsculo dos ídolos à luz de ecce homo: breves considerações acerca da autointerpretação de Nietzsche”. Revista Eletrônica de Filosofia, vol. 1 n° 9, 1º semestre de 2016.

NIEMEYER, Christian (org). *Léxico de Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas – Crepúsculo dos Ídolos, n. 8*. São Paulo: Nova Cultural, Vol II, 1991.

ROCHA, A. S. *Créditos ao professor - conteúdo ministrado em sala* - Faculdade Unida, julho de 2017.

SARTRE, P.J. *A Náusea*. São Paulo: Lisboa, 1955.

_____. *O Ser e o Nada*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

SUSIN, C.I., *Assim na Terra como no Céu*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1995.

Vaticano II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.